

---

## A Produção Acadêmica nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação De Excelência a partir da Perspectiva de Gênero<sup>1</sup>

Antônia HAAG<sup>2</sup>

Júlia PEREZ<sup>3</sup>

Nathália BRUM<sup>4</sup>

Thainá GREMES<sup>5</sup>

Laura WOTTRICH<sup>6</sup>

Milena Freire DE OLIVEIRA-CRUZ<sup>7</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

Este trabalho visa analisar como se expressa a lógica neoliberal de produtividade acadêmica na produção científica de excelência nas ciências da comunicação a partir das dinâmicas de gênero. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas, sendo i) revisão bibliográfica e ii) revisão bibliométrica. O *corpus* da pesquisa se deu a partir da produção científica do corpo docente dos quatro Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Comunicação melhor avaliados conforme a Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação (2017) da CAPES. Os dados revelam que os pesquisadores homens adquirem protagonismo no que se refere à quantidade de publicações, tanto no geral quanto no caso dos bolsistas PQ. Num ambiente acadêmico embebido da lógica produtivista, a quantidade é ultra valorizada em detrimento da qualidade, o que empobrece a qualidade das produções acadêmicas, visto que publicar muito “vale” muito mais do que publicar pesquisas de qualidade e relevância.

**Palavras-chave:** Comunicação; Desigualdade de gênero; Ciência; Produção científica; Programas de Pós-Graduação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XLIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, UFSM. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: antonia.haag@acad.ufsm.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas, UFSM. E-mail: julialp9@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação. 9º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFSM. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: dsbnathalia@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, UFSM. Bolsista FIPE/UFSM. E-mail: thainagremes08@hotmail.com

<sup>6</sup> Orientadora. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: laura.wottrich@ufrgs.br

<sup>7</sup> Orientadora. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: milena.freire@ufsm.br

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de um projeto de pesquisa mais amplo denominado *Ser mulher e ser pesquisadora no campo da comunicação: entre papéis sociais e desigualdades na esfera do trabalho e da produtividade acadêmica*, que tem como principal finalidade propor discussões acerca dos papéis e problemáticas de gênero na produção científica da comunicação no Brasil. Dessa maneira, a presente produção representa mais uma contribuição do grupo para a formação de redes de investigação e reflexão sobre o tema a partir do levantamento da produção científica dos e das pesquisadoras dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de excelência do país.

A investigação é sustentada pelo seguinte problema de pesquisa: Como se expressa a lógica neoliberal de produtividade acadêmica na produção científica de excelência nas Ciências da Comunicação, a partir das dinâmicas de gênero? A partir disso, definiu-se como objetivo geral apresentar um panorama da produção acadêmica nos últimos 4 anos nos Programas de Pós-Comunicação de Referência (que obtiveram nota 6 ou 7 na última Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação (2017) a partir da perspectiva de gênero. Na finalidade de atender ao objetivo geral, quatro objetivos específicos foram delimitados, sendo: (1) Desenvolver um debate teórico acerca do papel das dinâmicas de gênero na produção científica; (2) Discutir como se expressa a lógica neoliberal de produtividade acadêmica a partir dos critérios de qualificação e pontuação da produção científica; (3) Apresentar como a dinâmica de gênero se expressa na produção acadêmica entre os docentes da Pós-Graduação em Comunicação, a partir de três fatores: volume de produções, excelência da publicação;

Quanto ao percurso metodológico da investigação, que apresenta caráter quantitativo, este se deu a partir de duas etapas, sendo a primeira (1) revisão bibliográfica, buscando elucidar de que maneiras as dinâmicas de gênero e a ordem produtivista neoliberal de mercantilização do rendimento acadêmico se interseccionam e, (2) revisão bibliométrica, visando estabelecer um banco de dados com as produções delimitadas e, assim, elaborar um panorama que possibilite uma observação global e comparativa entre as variáveis determinadas.

---

## AS DINÂMICAS DE GÊNERO NA CIÊNCIA

A discussão acerca da temática da desigualdade de gênero na ciência permeia diversos campos e áreas de saberes, especialmente nas áreas exatas e da natureza. Neste contexto, embora o campo da comunicação seja majoritariamente “feminino” há escassez de estudos para compreender de que modo se constitui essa assimetria, ou mesmo para refletir se/como existem desigualdades nas relações entre seus agentes (HAAG et al, 2020).

Uma reflexão frequente em estudos feministas se volta para a neutralidade científica, que traz consigo uma suposta racionalidade e objetividade - parâmetros de rigor e legitimidade da ciência hegemônica. Para as pensadoras feministas, é necessário o questionamento dessa neutralidade científica e dos motivos pelos quais são tão defendidos em ambientes acadêmicos mais conservadores, que contribuem para o prevalecimento de modelos hierárquicos que nutrem modos hegemônicos de visão de mundo, bem como o poder de decisão do que merece e deve ser estudado e investigado. Maria Margaret Lopes (2012) afirma que a objetividade da ciência é um tema que as teóricas feministas perseguem, desde que se questionou que “objetividade” poderia ser uma palavra “em código” para dominação.

Hildete Melo e André Oliveira (2006) afirmam que o sistema científico e tecnológico, sob a aparente neutralidade da ciência, ignora que mulheres e homens têm trajetórias diferenciadas e, sob esse paradigma, iguala os não iguais no acesso às carreiras científicas e tecnológicas. Desigualdades como de classe social, raça e gênero são fatores decisivos - especialmente no contexto brasileiro, onde há uma desigualdade social proeminente - para compreender trajetórias acadêmicas.

Uma desigualdade de gênero decisiva que interfere na construção, ascensão e permanência na carreira acadêmica é a maternidade. A criação de filhos é vista socialmente como responsabilidade das mães, sendo a performance da maternidade e o cuidado (de saúde, limpeza, educação, alimentação e bem-estar dos filhos) associados como atribuições essencialmente femininas. Considerando que a demanda de trabalho no ambiente acadêmico e nível de especialização e tempo é alta, comparada com outras carreiras, o que significa que o grau de exigência é maior, a maternidade se apresenta como um empecilho à produtividade das cientistas.

Segundo levantamento feito por Léa Velho e Elena León (1997), muitas vezes as desigualdades de gênero não são percebidas pelas mulheres que estão no ambiente acadêmico. Elas argumentam que o avanço na carreira é visto como pouco competitivo, uma vez que a

promoção ocorre por pontuações individuais, que independem dos resultados de colegas de trabalho. Ao mesmo tempo, várias cientistas entrevistadas apontaram que a discriminação contra as mulheres se faz sentir, especialmente na busca de cargos administrativos. Pesquisas como esta demonstram que a desigualdade de gênero na ciência muitas vezes é sutil, mas ainda assim existe e acomete diversas mulheres – conscientes ou não deste fato.

## **LÓGICA NEOLIBERAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Como mencionado, existe uma carência de pesquisas e discussões sobre a realidade das cientistas brasileiras da área da comunicação. Isso dificulta a observação de como as pesquisadoras estão inseridas e interagem com o cenário produtivista que acomete a profissão. As mulheres foram excluídas dos espaços de produção e estímulo intelectual e acadêmico por muito tempo. A sua inserção no mundo da ciência sucede muito a dos homens e as reflexões sobre a sua integração, permanência e progressão na academia são ainda mais recentes e, especialmente na área da comunicação, pouco exploradas. A ciência vem sendo construída por e para homens no que se considera uma lógica masculinista. A partir dessa discussão, Milena Freire Oliveira-Cruz e Laura Wottrich (2021) elaboram a partir de Juliana Góes (2019) que a

reflexão sobre os engendramentos das questões de gênero no campo científico, a partir contribuição do pensamento feminista, permitiu a apropriação de experiências que consideram o contexto social e histórico do fazer científico, a posição de sujeito de quem observa e a relação que se estabelece com o fenômeno investigado. Essa perspectiva epistemológica está investida de um desafio de estimular análises que valorizam a situacionalidade e, portanto, podem favorecer mais divergências, olhares múltiplos, que consensos (OLIVEIRA-CRUZ; WOTTRICH, 2021, p. 5).

Para compreender a lógica masculinista de produção e legitimação do conhecimento científico e de elevação da objetividade como parâmetro de orientação da realidade, toma-se base no que Vera França e José Prado (2013) chamam de “imperativo ditatorial”, o *publish or perish*, em tradução livre, publique ou pereça (p. 79). Tal concepção define uma lógica de produção e legitimação não necessariamente explicitada às pesquisadoras e aos pesquisadores, mas internalizada por esses. Os autores explicam que:

Não há nenhuma evidência empírica de que publicar muito aumenta a qualidade, ou sequer que o grande número de publicações garanta ao autor uma posição de referência. Ao contrário, deve-se temer pelo esvaziamento da qualidade provocado

pelo produtivismo (acarretando produções superficiais e/ou repetitivas), o que pode comprometer a credibilidade do autor. (FRANÇA; PRADO, 2013, p. 80)

Ainda assim, publica-se em números muito maiores do que se é possível ler e discutir nas ciências da comunicação. A quantidade de publicações atribuída aos pesquisadores pelo CNPq é de duas publicações anuais. A realidade, porém, apresenta um número muito maior de publicações realizadas anualmente pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação analisados, como será discutido mais adiante. Uma das razões que se pode atribuir a esse fenômeno é a crença, por parte das e dos pesquisadoras(es), em uma maior ascensão na carreira ou valorização do seu trabalho a partir de uma observação quantitativa (FRANÇA; PRADO, 2013, p. 80). Trata-se de mostrar que está produzindo, mas não o que está produzindo.

A percepção de que um maior número de publicações interfere na sua relevância dentro da carreira científica não é infundada, pois se a ciência é uma construção social (VELHO; LEÓN, 1998) ela estará então situada cultural e historicamente (OLIVEIRA-CRUZ; WOTTRICH, 2021). Todas as áreas profissionais, e até mesmo o âmbito pessoal, estão atravessados pela lógica neoliberal, a qual engloba todas as esferas relacionais em uma racionalidade empresarial de concorrência (DARDOT; LAVAL, 2016). Essa percepção, como observa Rose de Melo Rocha, parte da reprodução produtivista de lógicas estadunidenses e européias (2018, p. 138-139).

No cotidiano acadêmico, essa racionalidade se expressa de diversas formas, sendo uma delas a maneira como se passou a avaliar a produção científica em periódicos. A avaliação se atenta à métricas de “indexações, indicadores de impacto científico e impacto citacional, através de dados bibliométricos (...)” (OLIVEIRA et al, 2020, p. 2-3). A produção científica passa então a ser um produto cujo valor é mensurado quantitativamente e não um instrumento de mudança social analisado também de forma qualitativa.

A atenção das e dos pesquisadoras(es), em específico das ciências humanas e sociais, não deveria se direcionar apenas ao impacto e alcance quantitativo das suas pesquisas. O complexo debate sobre o papel da ciência perpassa assumir e praticar a reflexão e a discussão constantes entre os integrantes e construtores da área. A consciência em cada pesquisa realizada é parte do compromisso pela mudança social que os profissionais das ciências sociais e humanas assumem. É preciso compreender a partir de quais critérios se avaliam o

---

desempenho das pesquisadoras e dos pesquisadores e então perguntar: a quem esse desempenho serve? (FRANÇA; PRADO, 2013, p. 78). Os autores elaboram que:

Sem a necessária e permanente revisão crítica de nossos objetivos, corremos o risco de submergirmos duplamente nos imperativos da produção, dividindo-nos entre um ensino profissionalizante que, direcionado às exigências do mercado de trabalho, prescinde da reflexão acadêmica e de seus resultados e uma produção acadêmica preocupada em atingir índices, que prescinde das necessidades e apelos trazidos pelo campo do real (idem, p. 80).

A partir dessas reflexões perguntamos: qual o quadro atual da publicação científica nos Programas de Pós-Graduação considerados de excelência no Brasil e como as dinâmicas de desigualdade de gênero podem ser refletidas? Para tentar refletir sobre tal questionamento passamos para o aporte metodológico deste artigo, onde apresentamos os dados levantados e despertamos discussões sobre o cenário brasileiro de produção científica.

## **METODOLOGIA**

Como mencionado anteriormente, os resultados desta pesquisa são fruto de um projeto de pesquisa mais amplo, portanto, as discussões levantadas pelas autoras, bem como os dados apresentados representam somente um extrato do que tem sido investigado pelo nos últimos meses. Nesse sentido, o levantamento, realizado em abril de 2021 pelas pesquisadoras do projeto, coletou os artigos publicados entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020 em revistas de Qualis A e B pelo corpo docente dos quatro Programas de Pós-Graduação melhor avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na categoria “Comunicação” da área de avaliação “Comunicação e Informação”.

Dessa forma, o *corpus* de análise é composto pela produção acadêmica registrada na Plataforma Lattes do corpo docente dos quatro PPGs a seguir: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF); Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG); Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ), sendo os três primeiros avaliados com nota 6 e o quarto com nota 7.

Conforme informado na Plataforma Sucupira, portal que reúne os dados coletados pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), a Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação tem como objetivos principais a certificação de qualidade da Pós-Graduação no Brasil e a identificação e acompanhamento das assimetrias regionais, observado por áreas, com o intuito de orientar a criação de novos programas, bem como na expansão dos já existentes em território nacional. A Avaliação é feita pela Diretoria de Avaliação/CAPES, com participação da comunidade acadêmico-científica por meio de consultores. Desde 2017, a avaliação leva em consideração 49 áreas de pesquisa.

Para a análise desenvolvida nesta produção, foram considerados somente Programas referentes à área de Comunicação e Informação<sup>8</sup>. Uma vez coletadas, as produções científicas dos e das pesquisadoras são pontuadas pela Capes conforme os seguintes intervalos: T1 (90 a 100 pontos); T2 (75 a 89 pontos); T3 (60 a 74 pontos); T4 (45 a 59 pontos); T5 (30 a 44 pontos); TNC (menos de 30 pontos – não classificado). Assim, a partir da pontuação da produção acadêmica do corpo docente, os Programas de Pós-Graduação são avaliados. Este breve panorama buscou contextualizar o/as leitor/as acerca dos critérios de avaliação da instituição para, dessa forma, esclarecer onde reconhecemos que a lógica produtivista neoliberal se expressa na produção científica. Além disso, é a partir deste parâmetro que o recorte de pesquisa “produção científica de excelência” se constrói, tanto relativo à amostra (corpo docente dos PPGs melhor avaliados) quanto ao *corpus* de análise (publicações em periódicos de Qualis A e B).

Tendo em consideração os professores permanentes e colaboradores dos Programas selecionados, analisou-se a produção científica de 105 docentes, sendo 56 Mulheres (M) e 49 Homens (M). Dos pesquisadores avaliados, 45 são Bolsistas de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sendo 20 mulheres e 25 homens.

---

<sup>8</sup> De acordo com a Ficha de Avaliação dos Produtos Técnicos e Tecnológicos, publicada pela própria CAPES, as produções que constituem o sistema de avaliação são: (1) Produto bibliográfico (artigo publicado em revista técnica; artigo em jornal ou revista de divulgação; resenha ou crítica artística; texto em catálogo de exposição ou de programa de espetáculo); (2) Tecnologia social; (3) Produto de editoração (livro, catálogo, coletânea e enciclopédia organizados; revista, anais organizados; catálogo de produção artística organizado); (4) Material didático; (5) Software/aplicativo; (6) Evento organizado (tanto internacional quanto nacional); (6) Relatório técnico conclusivo (relatório técnico conclusivo per se; processos de gestão elaborados; pesquisa de mercado elaborado; simulações, cenarização e jogos aplicados; valoração de tecnologia elaborada; modelo de negócio inovador elaborado; ferramenta gerencial elaborada; pareceres e/ou notas técnicas sobre vigência, aplicação ou interpretação de normas elaborados); (7) Tradução; (8) Acervo (curadoria de mostras e exposições realizadas; acervos produzidos; curadoria de coleções biológicas realizada); (9) Produto de comunicação (programa de mídia realizado).

Para fins de referência, as bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) são concedidas a pesquisadores e pesquisadoras que se destacam no meio acadêmico. Além de incentivo ao aumento de produção científica, tecnológica e de inovação de qualidade, têm como objetivo o reconhecimento do trabalho destes pesquisadores. Em uma escala de relevância de incentivo para a pesquisa científica, as bolsas PQ são consideradas as de mais alto nível do CNPQ.

A solicitação da bolsa pode ser feita pelo próprio pesquisador, por meio de solicitação via Formulário de Propostas Online disponibilizado de acordo com o calendário estabelecido pelo CNPQ. A avaliação segue critérios definidos pelos Comitês de Assessoramento (CA) de cada área.

Quadro 1 – Panorama do corpo docentes dos PPGs

INSTITUIÇÃO	Nº DE DOCENTES	MULHERES	HOMENS	BOLSISTAS PQ
UFF	17	8	9	8 (3M; 5H)
UFMG	37	20	17	12 (7M; 5H)
UNISINOS	18	8	10	6 (2M; 4H)
UFRJ	33	18	15	20 (9M; 11H)
<b>TOTAL</b>	<b>106</b>	<b>56</b>	<b>49</b>	<b>46 (21M; 25H)</b>

Fonte: elaborado pelas autoras.

No que toca às variáveis selecionadas, os critérios analisados foram: (i) sexo do(a) docente (f/m); (ii) ano da publicação (2016–2020); (iii) título do artigo; (iv) avaliação Qualis do periódico no qual o artigo foi publicado; (v) produção colaborativa (s/n); (vi) sexo do(a)s autores das produções colaborativas (h/m/hm).

## AS DINÂMICAS DE GÊNERO EXPRESSAS NA LÓGICA NEOLIBERAL DE PRODUTIVIDADE ACADÊMICA

Tendo em consideração os critérios supracitados, o levantamento realizado resultou no *corpus* deste trabalho, um banco de dados composto pelos 1.064 artigos publicados pelos docentes dos Programas selecionados. Foram publicados 583 artigos pelas mulheres e 481 artigos pelos homens o que, em termos relativos, com correções dos *outliers*<sup>9</sup>, resulta em uma

<sup>9</sup> *Outlier* é o termo em tratamento de dados para se referir a pontos fora da curva. Em nossa análise, consideramos um desses pontos a publicação de 91 artigos por uma pesquisadora no período indicado, enquanto os pesquisadores vinculados ao mesmo PPG publicaram, em média, 9,2 artigos cada. Esse dado, se incorporado, poderia inflar a média de produção das pesquisadoras mulheres, e por isso foi retirado da análise relativa, embora seja apresentado no quadro 1.

---

média de 8,94 artigos por pesquisadora e 9,81 artigos por pesquisador no período. Observa-se, assim, que a produção masculina é ligeiramente maior do que a feminina, situação que também se reflete nos Programas de Pós-Graduação quando analisamos os dados em sua singularidade<sup>10</sup>. No PPGCOM da Unisinos e PPGCOM da UFRJ, em termos relativos, os pesquisadores possuem mais publicações que as pesquisadoras. Já no PPGCOM da UFF e no PPGCOM da UFMG, as mulheres assumem a dianteira em termos do número de publicações, com margem estreita. Embora a média relativa evidencie uma pequena predominância da produção masculina, cabe refletir que os critérios de excelência balizadores da prática científica incidem tanto sobre homens quanto mulheres, ou seja, o “imperativo ditatorial” (FRANÇA, PRADO, 2013) que rege a configuração de certos consensos sobre a lógica da produção científica parece prevalecer.

Além disso, vale atentar à contribuição dos docentes com Bolsa de Produtividade (PQ) da CNPQ no volume da produção científica analisada. Dos 973 artigos analisados<sup>11</sup>, os docentes contemplados com a bolsa foram responsáveis pela publicação de 501 artigos (51% do total de artigos publicados), sendo a UFRJ a instituição com maior volume no quesito. Os bolsistas homens publicaram uma média de 13,08 artigos cada, já as bolsistas mulheres, 8,7 artigos cada. A predominância masculina, assim, tende a prevalecer também quando analisamos os dados dos bolsistas PQ. Observamos, também, que eles sustentam uma média de publicação superior ao conjunto de pesquisadores, o que referenda os critérios de exigência anteriormente mencionados.

A segunda variável refere-se à produção em co-autoria. A partir do levantamento realizado avaliou-se o volume de artigos publicados em co-autoria pelos docentes dos Programas selecionados e como a equidade de gênero se expressa nesse critério. Nesse sentido, dos 1.064 que compõem o banco de dados, 676 foram produzidos em co-autoria, sendo 386 publicados por pesquisadoras mulheres (aprox. 56%) e 289 (aprox. 43%) por pesquisadores homens. Quando há co-autoria, a iniciativa é encampada majoritariamente por mulheres, o que pode indicar uma maior predisposição à construção de trabalhos coletivos no

---

<sup>10</sup> O corpo docente da UFF publicou 178 artigos no período analisado, sendo 89 artigos publicados tanto para pesquisadores homens quanto para pesquisadoras mulheres. O corpo docente da UFMG contribuiu com 341 artigos publicados, sendo 155 de pesquisadores homens e 186 de pesquisadoras mulheres. Da UNISINOS, foram 200 artigos publicados pelo corpo de professores sendo 117 contribuição dos professores homens e 83 das pesquisadoras mulheres. Por último, o corpo docente do PPGCOM/UFRJ publicou 254 artigos no período analisado, sendo 120 de professores homens e 134 de professoras mulheres. As médias relativas foram calculadas a partir destes dados, excetuando o outlier mencionado na nota de rodapé anterior.

<sup>11</sup> Os dados foram analisados segundo ponderação apresentada na nota de rodapé 9.

---

âmbito acadêmico (OLIVEIRA-CRUZ, WOTTRICH, 2021). Nesse fator, tem-se como resultados que dos 298 artigos publicados por mulheres em co-autoria, 146 foram elaborados em parceria com outros autores homens e 152 com outras autoras mulheres. Dentre os 153 escritos em co-autoria que apresentam como autor principal, 153 foram produção conjunta com mulheres, enquanto 136 foram parcerias com outros autores homens.

Nesse contexto, vale ressaltar que a análise parte do(a) autor(a) principal do artigo. Dessa forma, quando analisado um artigo de autoria de mais de um(a) pesquisador(a) dos Programas analisados, o artigo é contabilizado duas ou mais vezes pelo banco de dados. Entendemos que a condição não interfere diretamente no panorama que buscamos elaborar com a produção deste trabalho. Conforme estimativa, menos de 4% do banco de dados consta como informação duplicada<sup>12</sup>. Dessa forma, entendemos que não cabe considerar a situação como um padrão, mas sim uma exceção, entretanto, reconhecemos a responsabilidade de apontar a existência desse mínimo desvio na análise.

Observando além do aspecto quantitativo que os dados assinalam, inseridos e produzidos em uma sociedade guiada pela lógica neoliberal, pode-se testemunhar a transformação dos(as) pesquisadores(as) no que Rose de Melo Rocha (2018, p. 138) denomina “*extrato intelectual*”. Desses profissionais, principalmente dos contemplados com Bolsas de Produtividade de Pesquisa (PQ), se espera um rendimento aquém do previsto (FRANÇA; PRADO, 2013, p. 77). Os profissionais passam a ser vistos como autônomos, que trabalham dentro de um “capitalismo cognitivo” (ROCHA, 2018, p. 146) para aumentar a produção da pesquisa científica do Brasil (e outros países). Mesmo que ainda não se tenha um consenso sobre qual seria a forma adequada para medir a produtividade de professores universitários (ROCHA, 2018, p. 136), a lógica quantitativa de produção acaba sendo adotada como a mais adequada, objetiva e, portanto, inquestionável.

As consequências do produtivismo, como lógica a ser seguida e utilizada para construir e avaliar a produção acadêmica, afetam não só a qualidade da própria ciência mas também as pesquisadoras e os pesquisadores. Alguns exemplos apontados por Rocha (2018, p. 137) são a prática de uma meritocracia que causa a “ruptura das redes de solidariedade, a competitividade acirrada entre pesquisadores, instituições, programas e grupos de pesquisa (...)” e também o comprometimento da saúde física e mental dos docentes (ZANDONÁ, CABRAL e SULZBACH, 2014). Como bem elaborado por Silva (2019), os números

---

<sup>12</sup> A estimativa partiu de uma breve observação na produção científica analisada da Universidade Federal Fluminense. Foram identificados somente 6 artigos, 178 produzidos, que foram elaborados por dois ou mais docentes da amostra.

(...) não dizem muito sobre a realidade das estruturas de poder e os aspectos psíquicos, sociais e políticos que envolvem a pressão para publicar. Os dados estatísticos são frios, próprios do pensamento positivista imperante que deseja quantificar tudo. Mas como quantificar a angústia, o sofrimento humano dos que estão submetidos à pressão para publicar? Como quantificar o que sente aquele que não consegue se adequar a esta exigência? (SILVA, 2009, p.2)

Nesse momento, vale ressaltar que o texto em questão se propõe a analisar as dinâmicas de produção a partir de uma perspectiva de gênero. Desse modo, tendo em vista o quadro teórico, bem como a construção do objeto de pesquisa, considerando a delimitação de variáveis analisadas, não nos propomos, logo não contemplamos com profundidade, inferências e reflexões quanto a produção e a presença acadêmica tendo como critério de análise outras dimensões sociais que se interseccionam como raça, classe e maternidade. Para tal, é necessário um resgate histórico do processo – ou da ausência de um – de democratização do acesso às instituições de ensino superior.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Reforçamos que não pretendemos em nenhuma dimensão findar o debate a respeito do gênero nas dinâmicas neoliberais que sustentam a produção do conhecimento, pelo contrário, idealizamos fortalecer e instigar tais questionamentos. Em vista disso, somam-se aqui interrogações que podem vir a encabeçar novos direcionamentos para essa investigação, como: (1) O que pode se inferir tendo em vista que, na análise realizada, os pesquisadores homens apresentam melhores resultados tanto nos critérios volume e quanto excelência dos periódicos de publicação?; (2) Qual peso a licença maternidade apresenta na avaliação do rendimento das pesquisadoras mães? Nesse quesito, compete apontar que alguns (poucos) PPGs de Comunicação do país já adotam políticas de reconhecimento da maternidade nos processos seletivos de ingressos de discentes, sem que este critério seja ponderado ainda nos editais de credenciamento, recredenciamento ou na pontuação de seleção das bolsas PQ.

Além disso, por reconhecermos o papel social que a pesquisa e, logo, a universidade pública, apresenta na construção do conhecimento, e por entender que cada pesquisador(a) carrega consigo a responsabilidade de ser um(a) agente de mudanças, é impraticável ignorar aqui o cenário político que acompanhou, atravessou e desafiou o percurso de construção deste trabalho.

Dentre os tantos desafios encontrados na trajetória acadêmica, alguns deles expressos diretamente no decorrer deste texto, o sucateamento das universidades públicas e dos

institutos de fomento a pesquisa mais uma vez reflete um projeto de governo que despreza o conhecimento científico. No processo de construção desta pesquisa, a Plataforma de currículos Lattes – que neste trabalho constitui o principal banco de dados para consulta – sofreu um apagão durante 15 dias.

A plataforma é entendida como “um mapa da produção científica nacional dos nossos pesquisadores e dos cientistas brasileiros. É um sistema de informação estratégico do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. A possibilidade de perder esses dados é uma tragédia muito grande e não há como mensurar o que significa uma perda como essa”, afirmou Flávia Calé, presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) à agência de notícias CNN Brasil (ROCHA, 2021). Desde 1999, a plataforma é tida como a principal ferramenta de registro das atividades acadêmicas de milhares de pesquisadores, docentes e discentes de mais de 300 instituições de ensino e pesquisa. Por fim, reafirmamos que “[...] não há conhecimento implicado na consecução de um projeto democrático enquanto houver cientista dedicado à garantia e à manutenção de privilégios.” (ROCHA, 2018, p. 140)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNPQ. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, 2021. Visualizar: RN-028/2015 - Bolsas Individuais no país. Disponível em: <  
[http://memoria2.cnpq.br/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/2958271?COMPANY\\_ID=10132#PQ](http://memoria2.cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/2958271?COMPANY_ID=10132#PQ)>. Acesso em: 11 ago. 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

GÓES, Juliana. **Ciência sucessora e a(s) epistemologia(s)**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n 1, 2019: pp 1-11

HAAG, A., PARISE, G., PEREZ, J., IRIGOYEN, M., WOTTRICH, L., OLIVEIRA-CRUZ, M. F. **Lugar de mulher é na ciência**: um estudo acerca da desigualdade de gênero na ciência da comunicação.. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43., 2020. Anais... São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2369-1.pdf>. Acesso em 17 fev. 2021  
Acesso em 27 jul. 2021.

LOPES, M. M. **“Aventureiras” nas ciências**: Refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 10, p. 345–368, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4689345>. Acesso em: 21 jun. 2021

MELO, H. Pereira de.; OLIVEIRA, A. Barbosa. **A produção científica brasileira no feminino**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 27, p. 301-331, 2006. Disponível em:

---

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZFVSYHsRPMSFfP5h3tC7hfz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun 2021.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de.; GROHMANN, R. ; ROSSINI, M. ; BORGES, G. ; FALCAO, T.; SACRAMENTO, I. **Acabou o Quadriênio, e agora?** Alguns desafios em relação à avaliação de periódicos na área de comunicação. E-COMPÓS (BRASÍLIA), v. 23, p. 1-18, 2020.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; WOTTRICH, Laura. **QUANDO A DESIGUALDADE MORA NOS DETALHES: engendramentos das relações de gênero no campo da Comunicação.** In: Encontro Anual da Compós, v. 30, 2021, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PUC-SP, 2021. p. 1-23.

PRADO, José Luiz Aidar.; FRANÇA, Vera Regina Veiga . **Comunicação como campo de cruzamentos, entre as estatísticas e o universal vazio.** Questões transversais, v. 1, p. 3-9, 2013.

ROCHA, Rayane. Lattes fora do ar pode gerar uma tragédia para a ciência, aponta pesquisadora. CNN Brasil, Rio de Janeiro, 28 jul. 2021. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/07/28/lattes-fora-do-ar-pode-gerar-uma-tragedia-para-a-ciencia-aponta-pesquisadora> Acesso em 11 ago. 2021.

ROCHA, Rose de Melo. **As razões do produtivismo: fricções intelectuais e capitalismo ficcional.** GALÁXIA (PUCSP), p. 136-149, 2018.

SILVA, A. **Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números.** Revista Espaço Acadêmico, v.9, n. 100, p. 1-5, Set. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8148/4571>. Acessado em: 11 de agosto de 2021.

VELHO, L.; LEÓN, E. **A construção social da produção científica por mulheres.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 10, p. 309–344, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4631474>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ZANDONÁ, C, et al. **Produtivismo acadêmico, prazer e sofrimento.** Erechim, v. 38, n.144, p. 121-130, dez. 2014.